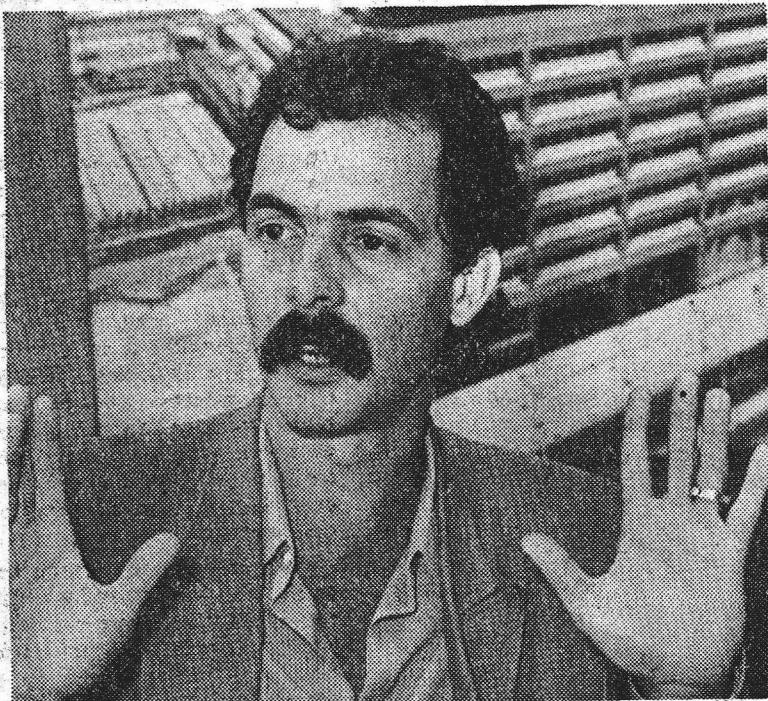


Recém-eleitos querem mudar Câmara

Estreantes chegam com esperanças e muitas promessas

Aos 36 anos, Aloizio Mercadante pretende chegar ao Congresso para ser "o economista da classe trabalhadora". Empenhadão em cumprir a tarefa, Mercadante avalia, por antecipação, milhares de projetos na área de finanças que tramitam no Congresso. Ele não teme que a desilusão acabe destruindo o novo espaço de luta que conquistou nas urnas de São Paulo pelo PT. Defensor de alterações para democratizar o Congresso, Mercadante não quer render-se aos arranjos do Congresso para conseguir qualquer tramitação de eventuais propostas para o país. "Acordos políticos claros eu aceito, mas negociações não." Sua atenção, segundo ele, vai voltar-se para a enorme recessão que o país, com certeza, enfrentará no início do seu mandato. "Vamos ter que trabalhar muito para encontrar saídas", prevê.

Nos últimos quatro anos o empresário Sérgio Machado (PSDB-CE) não fez outra coisa na vida a não ser trabalhar na política. Começava às oito horas da manhã e saía de madrugada das dependências do governo do Ceará, onde era secretário de Estado. Recém-eleito deputado federal, ele garante trazer para Brasília sua descomunal capacidade de trabalho — em média 16 horas por dia — e colocá-las à disposição de um projeto de entendimento que possa tirar o país do atoleiro. Machado acha que o Congresso será



Mercadante: "O economista da classe trabalhadora"

fundamental na elaboração de uma nova política de renda e num novo mapeamento do país que valorize todas as regiões, priorizando as mais carentes. "Só os homens podem mudar o mundo", filosofa Machado.

Assim que chegar ao Congresso, o deputado eleito Roberto Franca pretende instituir uma comissão especial para investigar os motivos da violência urbana e da falta de segurança pública. "Meu grande sonho como parlamentar é fazer com que o Congresso se debruce com mais seriedade sobre a questão", diz Franca. Para o deputado, a questão vem sendo mais tratada dentro de seus aspectos policiais, com teses que podem render votos, mas não resolvem

efetivamente o problema, como a pena de morte.

O deputado eleito sabe que o fórum que está elegendo para essas discussões é o desacreditado Congresso Nacional, bombardeado por 40% de votos nulos e brancos. "O povo ficou ouvindo em todas as últimas eleições presidenciais e pacotes econômicos que, a partir dali, estariam curadas todas as suas mazelas. O sofrimento continuou o mesmo. É natural que as pessoas tenham ficado desconfiadas de tudo e de todos", interpreta Franca. Mas o deputado espera que ele e seus colegas consigam superar tudo isso e formar um Congresso mais agressivo. "Nós estamos acuados e precisamos sair dessa situação", afirma.